



PRIMEIRO
MINISTRO

**ALOCUÇÃO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO
DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A AGENDA DE
DESENVOLVIMENTO PÓS-2015**

**28 de Fevereiro de 2013
Díli, Timor-Leste**

Excelências
Ilustres convidados

Senhoras e senhores,

É com um misto de sentimentos que me dirijo a vós no encerramento formal desta conferência internacional sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015.

Devemos estar orgulhosos do que conseguimos nestes últimos dias mas, ao mesmo tempo, enfrentamos uma enorme responsabilidade.

Caros amigos, já alcançámos grandes progressos – os vossos contributos fizeram deste processo de consulta um sucesso. Temos estado a escrever as nossas próprias histórias e a mapear os nossos próprios futuros.

E conseguimos algo de verdadeiramente único.

Pela primeira vez, nós, os Estados frágeis, reunimo-nos para fazer parte do processo de estabelecimento de um quadro de desenvolvimento de forma equitativa, justa e sustentável.

Através das nossas consultas e deliberações conseguimos formular o Consenso de Díli – um documento histórico que estabelece as nossas prioridades e expectativas para a agenda de desenvolvimento pós-2015. Este documento reflecte as perspectivas das nações do G7+, dos nossos vizinhos do Pacífico e das nações dos PALOP.

Nunca antes as nossas vozes foram tão fortes.

Senhoras e senhores, o Consenso de Díli reflecte os resultados das sessões de trabalho que mantivemos ontem, assim como os resultados das muitas discussões que mantivemos na sala de conferências.

É o resultado de consultas onde novos e velhos amigos falaram de coração aberto.

De forma honesta, sem quaisquer agendas ocultas.

Estas consultas foram lideradas por nações que experienciaram situações dramáticas de conflito, instabilidade e pobreza. Nações que, em alguns casos, estão ameaçadas pela devastação ambiental, pelos efeitos cada vez mais rápidos das alterações climáticas.

Não tivemos vergonha de partilhar as nossas fraquezas e os nossos medos, juntamente com as nossas esperanças para o futuro.

Queria especialmente lembrar as palavras da representante do mais jovem país que temos aqui entre nós, a Vice-Ministra das Finanças do Sudão do Sul, que sumariou os

difíceis desafios que temos pela frente mas que declarou também que não é impossível ultrapassá-los – disse que pode ser feito!

Eu também acredito que sim, que pode ser feito.

O primeiro passo é reconhecer que podemos e devemos ser agentes da nossa própria mudança – que podemos deixar para trás o conflito e a pobreza e caminharmos na direcção da paz e da prosperidade.

Temos também de ser donos dos nossos próprios problemas. Precisamos de entender e apreciar a nossa realidade, as nossas fraquezas e o nosso potencial.

Como todos ouviram, o Ministro do Planeamento da Guiné, Sua Excelência Sekou Traore, disse “nós os guineenses somos ricos, portanto não consigo imaginar porque viemos a esta conferência falar de pobreza no meu país”.

Só então poderemos encontrar soluções – as nossas próprias soluções. Precisamos de estabelecer um caminho credível, responsável e realista rumo ao desenvolvimento.

Assim que encontrarmos as nossas próprias soluções, podemos partilhá-las com os nossos parceiros de desenvolvimento, para que estes possam trabalhar connosco na concretização dos nossos objectivos.

Até porque seremos nós quem irá sofrer se as soluções não funcionarem, da mesma forma que seremos nós os principais beneficiários caso elas funcionem bem.

Aprendemos esta lição da forma mais difícil por as nossas vozes não terem sido ouvidas na formulação dos Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, em Nova Iorque, no ano 2000.

Não temos dúvidas de que os ODMs foram um exercício de boa vontade da parte dos países desenvolvidos para com os países menos desenvolvidos, todavia a sua concepção teve erros e deixou para trás quase um quinto da população mundial.

Juntos temos a oportunidade de garantir que a agenda de desenvolvimento pós-2015 é conduzida não só pela boa vontade, como também pela realidade – a nossa realidade.

Juntos precisamos de alterar o paradigma, para que nunca mais mil e quinhentos milhões de pessoas fiquem para trás.

A abordagem estandardizada adoptada em Nova Iorque no ano 2000, não tomou em consideração que os desafios que enfrentamos nas montanhas remotas de Timor-Leste não são os mesmos que os enfrentados por famílias que lutam para sobreviver a secas na Somália, ou por famílias que vivem num mundo a afundar-se lentamente na imensidão do oceano, como acontece no Kiribati.

Os ODMs careceram também de especial atenção a nível da implementação e de sistemas de governação adequados.

Da próxima vez precisamos de reconhecer e dar o devido valor à importância vital que as mulheres têm no desenvolvimento.

Da próxima vez não podemos incidir apenas em objectivos e metas – temos também de incidir em formas de garantir a implementação destes objectivos e metas.

Da próxima vez precisamos de garantir que as ameaças que as alterações climáticas colocam a alguns dos povos mais vulneráveis do mundo serão tratadas de uma forma mais eficaz no pós-2015.

Não podemos esquecer o papel crucial do sector privado como motor de desenvolvimento e gerador de emprego para os nossos povos.

É fundamental reconhecer que o desenvolvimento não pode ser alcançado enquanto os Estados forem frágeis e que por isso temos que abordar directamente a fragilidade.

Por isso, também precisamos de reforçar a apropriação local e os mecanismos de participação da sociedade civil – temos que garantir que não há apenas um development for all mas também um development by all!

Excelências
Senhoras e senhores,

Esta foi uma reunião notável na história do desenvolvimento dos Estados frágeis.

Agora, em vez de o nosso destino ser discutido nos centros globais de tomada de decisão, reunimo-nos em Díli – e já antes nos tínhamos reunido em Freetown, em Juba e em Port-au-Prince.

Quero agradecer sinceramente a todos vós por terem vindo a Díli e por partilharem as vossas preocupações e os vossos sonhos.

Quero agradecer a todos os nossos amigos no g7+, muitos dos quais percorreram grandes distâncias para aqui estar.

Quero ainda saudar a presença dos Ministros e altos dignitários dos países amigos e irmãos dos PALOP neste encontro. Os nossos laços de amizade e solidariedade vêm de longa data e, portanto, não faria sentido falarmos de desenvolvimento colectivo sem vos termos a nosso lado.

Quero agradecer também aos nossos amigos e vizinhos das Ilhas do Pacífico, em especial a Sua Excelência Anote Tong, Presidente da República de Kiribati, e a Sua

Excelência Gordon Darcy Lilo, Primeiro-Ministro das Ilhas Salomão. Estamos todos gratos ao Governo da Austrália e ao Instituto de Políticas Públicas do Pacífico por terem facilitado a presença da delegação das Ilhas do Pacífico.

Quero ainda agradecer ao Dr. Kuntoro Mangkusubroto, Enviado Especial de Sua Excelência o Presidente da República da Indonésia, pela sua contribuição valiosa de ontem.

Gostaria também de agradecer a todos aqueles que trabalharam tão arduamente para organizar esta conferência de sucesso.

Por fim, há duas mulheres de grande valor a quem devemos o nosso obrigado. Falo de Sua Excelência Dra. Noeleen Heyzer, Subsecretária-Geral das Nações Unidas e Secretária Executiva da ESCAP, e de Sua Excelência Sra. Emília Pires, Membro do Painel de Alto Nível e Ministra das Finanças de Timor-Leste. Foram o esforço e a paixão destas duas mulheres que nos trouxeram aqui hoje.

A organização desta conferência foi uma honra e um privilégio para o povo de Timor-Leste. Sabemos que os nossos desafios são grandes, porém sabemos também que todos juntos conseguiremos encontrar as respostas.

Juntos vamos crescer!

Obrigado.

28 de Fevereiro de 2013
Kay Rala Xanana Gusmão